

A família Pinto da Cunha

ROSA MARIA DOS SANTOS MOTA¹

¹ CITAR/UCP – Centro de Investigação em Tecnologia das Artes, Universidade Católica Portuguesa.

RESUMO

Entre Lousada, Portugal, e Belém do Pará, Brasil, a história da família Pinto da Cunha espelha a situação de muitos portugueses de finais do século XIX, que encontraram na imigração um recurso para uma vida melhor. Por vezes, no local de chegada, abriam-se novos horizontes e as antigas profissões eram abandonadas em troca de realidades económicas mais vantajosas. Então, construía-se um destino diferente daquele que se abandonou, como no caso da família Pinto da Cunha, que começou em Belém do Pará uma profícua ligação com a ourivesaria.

PALAVRAS-CHAVE

Pinto da Cunha; ourivesaria; Torno; Belém do Pará.

ABSTRACT

Between Lousada, Portugal, and Belém do Pará, Brazil, the history of the Pinto da Cunha family reflects the situation of many Portuguese at the end of the 19th century, who found in immigration a resource for a better life. Sometimes, at the place of destination new horizons were opened, and the old professions were abandoned in exchange for more advantageous economic realities, thus building a different life, as is the case of the Pinto da Cunha family that started in Belém do Pará a fruitful connection with the jewellery trade.

KEYWORDS

Pinto da Cunha; jewellery; Torno; Belém do Pará.

1. António Pinto da Cunha e a Joalheria Palais Royal, em Belém do Pará

No último quartel do século XIX, António Pinto da Cunha, nascido a 22 de agosto de 1849, e seu primo António Pinto da Cunha, nascido a 28 de maio de 1856, ambos naturais de Travanca, Amarante, casaram, respetivamente, com Margarida Augusta Ribeiro de Sousa e Maria da Conceição Ribeiro de Sousa¹, residentes na freguesia do Torno, Lousada. Após o casamento, os casais instalaram-se nessa localidade e, já adultos, os dois primos rumaram ao Brasil.

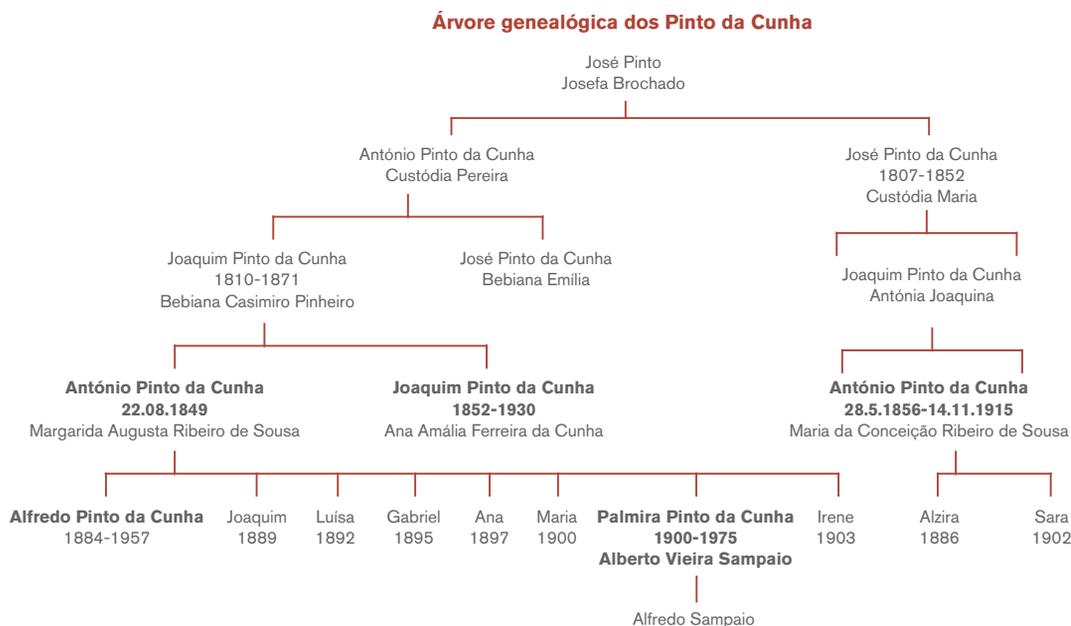


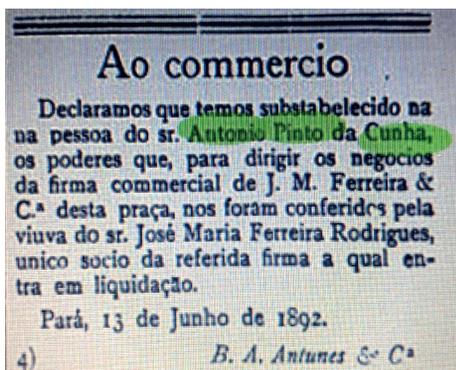
Figura 1. Árvore genealógica da família Pinto da Cunha.

A imigração portuguesa para o Brasil envolveu múltiplos parâmetros, inúmeras levadas de pessoas de diferentes regiões e estratos sociais, que partiram quer por conta própria quer por convocação de um familiar ou de um conterrâneo. Entre os vários destinos, desde o início do século XIX, a imigração para o Pará foi alimentada pelo crescimento da economia da borracha, que norteava o crescimento da cidade de Belém e da região. A maior parte dos portugueses aí chegados provinha dos distritos do Porto e de Braga, que se encontravam entre os principais núcleos de imigração de Portugal (Cancela e Barroso, 2011, pp. 60-67). E foi para a região do Pará que os primos Pinto da Cunha embarcaram.

De acordo com os registos de passaportes, o primeiro a viajar foi António Pinto da Cunha casado com Margarida Augusta Ribeiro de Sousa, que havia iniciado a sua vida profissional como carpinteiro. Desconhecemos as suas motivações, mas, no ano de 1899, fez duas viagens ao Pará, sendo identificado no passaporte como negociante.

¹ Filhas de Joaquim Ribeiro de Sousa, negociante, e de Joaquina da Conceição Pinto, padreira.

Seis anos mais tarde, no ano de 1905, António Pinto da Cunha, casado com Maria da Conceição Ribeiro de Sousa, já contando 49 anos de idade, viajou por duas vezes à região do Pará, desconhecendo-se se teria sido o seu primo quem suscitou as viagens. O facto de os dois terem o mesmo nome dificulta a compreensão de que negócios cada um terá tido no Brasil, pois todas as referências que encontramos nesse país mencionam o nome de António Pinto da Cunha, sem, naturalmente, indicar o nome da esposa, que poderia ser o elemento diferenciador. Porém, um artigo do *Jornal de Lousada*, de 7 de novembro de 1915 (Motta, 1915b, p. 2), noticia a morte de António Pinto da Cunha, casado com D. Maria Ribeiro da Cunha, que assumimos que fosse D. Maria da Conceição Pinto da Cunha, dado que a sua irmã se chamava Margarida Augusta, e atribui-lhe a propriedade da Joalheria Parc Royal, em Belém do Pará. Cremos também que a designação da loja terá sido um equívoco, pois nas obras brasileiras que consultámos a denominação que aparece é Palais Royal. Esta notável joalheria situava-se na Rua Conselheiro João Alfredo², n.º 91, e já existia na Rua dos Mercadores, anterior designação da Rua Conselheiro João Alfredo, com a denominação Au Palais Royal (Azevedo e Baratta, 1883, p. 407). Sabe-se ainda que, além desta casa, António Pinto da Cunha desenvolveu outros negócios, nomeadamente a gestão dos empreendimentos da firma J. M. Ferreira & C.^a, como se pode comprovar por publicidade coeva, em jornal local.



Figuras 2 e 3. Anúncios em jornais de Belém do Pará que mostram a presença de António Pinto da Cunha no tecido económico da sociedade dessa cidade (imagens graciosamente enviadas pela investigadora brasileira Graziela Ribeiro, Belém do Pará).

² João Alfredo Corrêa de Oliveira foi Presidente da Província do Pará, nomeado por Carta Imperial de 20 de outubro de 1869, e exerceu o cargo de 2 de dezembro daquele ano até 17 de abril de 1870.

O período entre 1870 e 1912 constituiu o marco inicial da modernidade em Belém (Sarges, 2000, p. 31), e, entre o final do século XIX e início da centúria seguinte, período áureo da exploração da borracha, o centro comercial da cidade de Belém atingiu o seu auge. A Rua Conselheiro João Alfredo detinha um lugar de destaque no roteiro de compras dos mais elegantes da cidade, revelando-se um espaço importante de comércio e uma das grandes vias de sociabilidade das elites (Martins, 2010, p. 47). Assim, durante muito tempo, essa artéria constituiu um espaço de socialização, foi ponto de encontro de diversos estratos sociais e funcionou como uma passarela de estilos (Baena e Soares, 2012, p. 3). Os membros da elite, entre outros estabelecimentos de luxo, frequentavam a Joalheria Palais Royal, que constituía o centro preferido dos ricos que usavam joias e pedras preciosas caras (Meira, 1976, pp. 130-131; Valente, 2008, pp. 40-47), evidenciando a importância da casa comercial de António Pinto da Cunha na sociedade local.

Paralelamente aos negócios no Brasil, António Pinto da Cunha era senhor de uma casa de família na localidade da Senhora Aparecida, freguesia de Torno, concelho de Lousada, conhecida como “a casa das brasileiras”, onde viria a falecer, em novembro de 1915, segundo a notícia publicada no *Jornal de Louzada*, de 7 de novembro desse mesmo ano (Motta, 1915b, p. 2), já referida, não deixando descendente que continuasse o negócio da ourivesaria. Deixou, porém, duas filhas, Alzira e Sara, que, juntamente com a viúva, provavelmente, motivaram o epíteto atribuído à casa.

2. A família Pinto da Cunha e a ourivesaria em Portugal

Se o capitalista António Pinto da Cunha, casado com Maria da Conceição Ribeiro de Sousa, não desenvolveu em Portugal o negócio de joalheria que incrementara no Brasil, poderá ter sido através dessa sua vertente comercial que esse comércio passou a outros membros da família. Seu primo António Pinto da Cunha e Margarida Augusta Ribeiro de Sousa foram progenitores de uma grande prole e o seu primogénito, Alfredo Pinto da Cunha³, já natural de Torno, Lousada, onde nasceu em 20 de fevereiro de 1884, também viajou para o Brasil, pelo menos, no ano de 1930. Com 46 anos de idade, deslocou-se ao Rio de Janeiro. Porém, esta viagem não se realizou dentro de um processo de imigração. Desde 1911 que Alfredo Pinto da Cunha era um conceituado ourives, associado ao seu tio José Pinto da Cunha⁴. Em 21 de agosto de 1915, Alfredo Pinto da Cunha casa com Adelina Ribeiro Mariani, filha de Pedro Mariani Pinto. A cerimónia realizou-se na Igreja de Santa Marinha, em Vila Nova de Gaia, e como testemunhas por parte do noivo atuaram o seu tio José Pinto da Cunha e sua mulher Ana Amália Ferreira da Cunha, ato que justifica a relação entre ambos os homens, que, além de gozarem de

³ Batizado em Torno, Lousada (Livro s/p).

⁴ Batizado em Travanca, Amarante (Lv. B-8, f.15).

boas relações familiares, possuíam uma ourivesaria na cidade do Porto. O acontecimento foi comunicado no *Jornal de Louzada* (Motta, 1915a, p. 2)⁵, evidenciando a notoriedade que a família possuía na região.

1.1. A Ourivesaria Cunha, na Rua do Loureiro, no Porto

José Pinto da Cunha terá iniciado a sua profissão na Ourivesaria Gasparinho (Machado, [s.d], p. 10), na Rua das Flores, no Porto. Porém, no último quartel do século XIX, instala-se na Rua do Loureiro, n.ºs 46 a 52, com a Ourivesaria Cunha, no local onde, anteriormente, existira a Ourivesaria Central, atribuída também a José Pinto da Cunha. O espaço inseria-se num edifício do século XIX e a firma funcionava sob a designação de José Pinto da Cunha, Sobrinhos. Contudo, em 1909, converter-se-ia em José Pinto da Cunha, Sobrinho⁶, com Alfredo Pinto da Cunha, sobrinho do proprietário, a tomar a dianteira dos negócios. Em 1911, a ourivesaria viria a sofrer grandes alterações, transformando-se numa luxuosa casa comercial. As obras de beneficiação decorreram sob o traço de Francisco Oliveira Ferreira (1884-1957), com a colaboração do seu irmão, o escultor José de Oliveira Ferreira (1883-1942), e do pintor Acácio Lino (1878-1956). O título dado a um artigo de 1913 – “Um estabelecimento modelar: a ourivesaria do Sr. Cunha Sobrinho, no Porto” (Chaves, 1913, p. 588) – denota a importância que Alfredo Pinto da Cunha já tinha no negócio, sendo este também descrito como “moço da elite”, evidenciando igualmente a posição social dos Pinto da Cunha à época. De acordo com o referido artigo, a ourivesaria inicial teria sido fundada por volta de 1897 e, embora de pequenas dimensões, com as obras de beneficiação renasceu muito luxuosa, com mobiliário, escultura e pintura de qualidade que a tornaram na melhor de todas ourivesarias que a cidade do Porto albergava.

Ainda de acordo com essa publicação, a fachada, com uma ampla montra a toda a extensão, coroava-se pelo grupo escultórico designado de “Grupo de Amores”, e o interior desenvolvia-se num andar térreo e numa galeria circundada por artísticas grades de ferro. No rés do chão, vastos expositores de cristal e madeira, decorados com flores e laçarias à moda do estilo neoclássico, que constituía a tónica para toda a decoração, cobriam as paredes claras. Na galeria sobressaiam dois trabalhos em escultura de José de Oliveira Ferreira e dois pares de anjos a acompanhar as volutas das colunas, que pareciam sustentar o peso do edifício. Da autoria de Acácio Lino, nas paredes encontrava-se uma pintura representando uma cena galante, na escada o retrato do fundador, Sr. José Pinto da Cunha, e a coroar o espaço uma grande pintura. As paredes da loja, tanto no rés do chão como no primeiro andar, encontravam-se decoradas com frisos

⁵ Notícia trazida ao nosso conhecimento pelo Dr. Luís Ângelo Fernandes, cuja colaboração agradecemos.

⁶ Notícia publicada no *Jornal de Louzada* (Motta, 1909, p. 3), trazida ao nosso conhecimento pelo Dr. Luís Ângelo Fernandes, cuja colaboração agradecemos.

em gregas e óvalos, colunas estriadas com capitéis jónicos, festões, laçarias e ferrarias douradas, sobre cores claras, criando um ambiente entre o estilo rococó e a nítida inspiração neoclássica⁷.

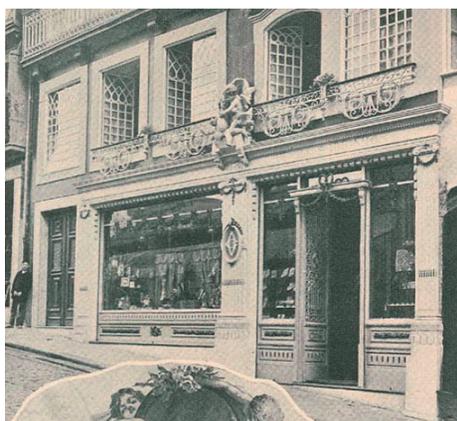


Figura 4. Fachada da Ourivesaria Cunha, na Rua do Loureiro, no Porto, em 1913 (Chaves, 1913, p. 588).



Figura 5. Interior da Ourivesaria Cunha, na Rua do Loureiro, no Porto, em 1913 (Chaves, 1913, p. 589).



Figura 6. Retrato de José Pinto da Cunha pintado por Acácio Lino (Chaves, 1913, p. 588).



Figura 7. Fotografia de Alfredo Pinto da Cunha (Chaves, 1913, p. 588).

⁷ Na maior parte do espaço anteriormente ocupado pela Ourivesaria Cunha situa-se, hoje, a Confeitaria Serrana, com entrada pelo n.º 52. Apesar de muito deteriorados, é ainda possível observar-se parte dos interiores originais e as colunas da frontaria. No n.º 46 encontra-se a Casa Arcozelo, de menor dimensão e com menos vestígios da ourivesaria original. Porém, aí, ainda se percebe parte das escadas que davam acesso à *mezzanine*.

1.2. A Ourivesaria Cunha, na Rua 31 de Janeiro, no Porto

A Ourivesaria Cunha encontrava-se entre adeleiros e vendedores de pratas, pois, desde o século XIX, que a Rua do Loureiro se inseria num conjunto de artérias onde os principais ourives, cravadores e lapidários da cidade do Porto se situavam⁸. Porém, com as modificações da malha urbana, motivadas pelas obras da Estação de São Bento, que traria uma dinâmica diferente à área circundante, a geografia da ourivesaria portuense vai sofrer modificações, e José e Alfredo Pinto da Cunha irão acompanhar essa alteração. Dessa forma, em 1914, passados apenas três anos dos trabalhos de beneficiação da ourivesaria na Rua do Loureiro, Alfredo Pinto da Cunha apresentou à Câmara Municipal do Porto um requerimento para construir uma nova ourivesaria, desta vez na Rua de 31 de Janeiro, n.ºs 200-202 (AHP, 1914), que viria a ser inaugurada em 1916. Embora José e Alfredo fossem sócios no negócio, é o nome de Alfredo Pinto da Cunha que consta no pedido de licenciamento. O plano desta nova loja ficará novamente a cargo dos irmãos Francisco e José Oliveira Ferreira. A fachada do novo empreendimento, tal como ainda a conhecemos hoje, e como Ourivesaria Machado⁹, distancia-se do neoclassicismo que marcava a anterior loja. Evidencia referências à arte nova e constituiu um projeto de grande qualidade que, no início do século XXI, lhe viria a merecer a classificação de imóvel de interesse público¹⁰. Impõe-se a sua frontaria ou *devanture* em ferro fundido e pedra de lioz nacional, com aplicações em bronze dourado e latão polido. Estas soluções encontram-se também na Ourivesaria Reis & Filhos e na Casa Vicent, na



Figura 8. Fachada da Ourivesaria Cunha (agora Ourivesaria Machado), na Rua 31 de Janeiro, no Porto (2016).

⁸ Rua das Flores, Rua dos Canos, Rua de São Bento das Freiras, Rua do Loureiro, Rua do Corpo da Guarda, Rua de Santo António, Rua de Santa Catarina, Rua do Almada e Rua dos Caldeireiros. Em 1808, divididas por estas ruas encontravam-se 62 ourivesarias, muitas delas com oficinas. Na Rua do Loureiro, contemporânea da Ourivesaria Cunha, encontrava-se a firma Luís Augusto Ribeiro e C.^a – Ourives-Joalheiro, n.ºs 64 a 70.

⁹ Em 1942, Jacinto Machado entra como sócio da Ourivesaria Cunha. A partir de 1957, data do falecimento de Alfredo Pinto da Cunha, esta família fica à frente dos destinos da casa, mudando-se posteriormente a designação para Ourivesaria Machado.

¹⁰ A classificação da Ourivesaria Cunha vem também valorizar a situação do património comercial da cidade do Porto com valor histórico, pois apenas o Café Majestic, na Rua de Santa Catarina (classificado em 1983), e as instalações do antigo Restaurante Comercial, na Rua do Infante D. Henrique (classificado em 1984), tinham anteriormente merecido aquela distinção.

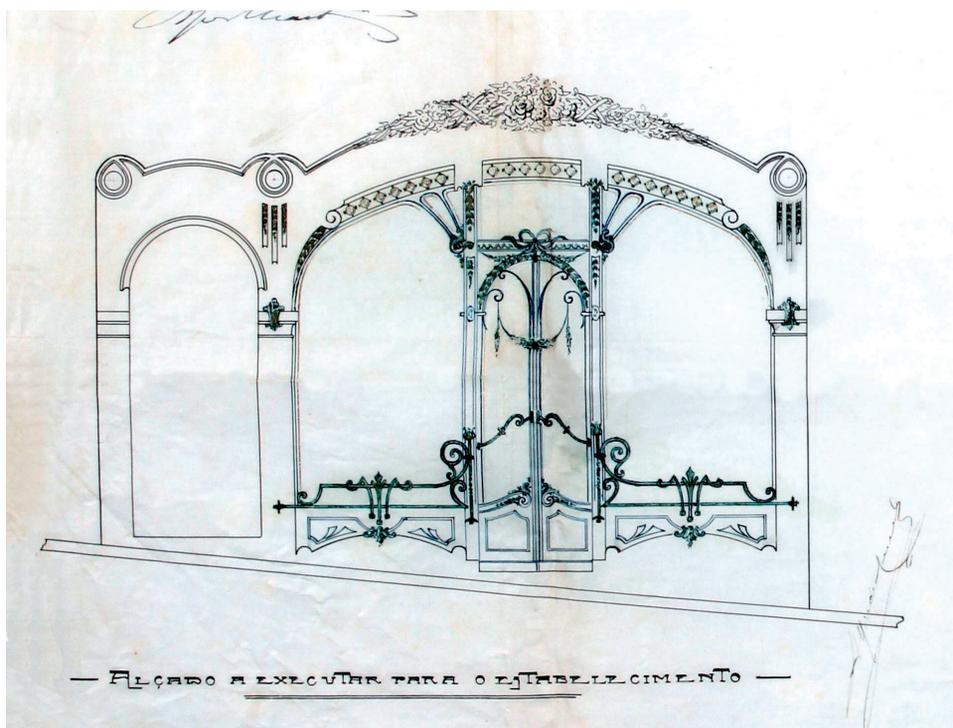


Figura 9. Projeto inicial da fachada da Ourivesaria Cunha, na Rua 31 de Janeiro, no Porto (AHP, 1914).



Figura 10. Fatura da Ourivesaria Cunha, datada de 1922 (imagem cedida pelo Prof. Doutor Gonçalo Vasconcelos e Sousa, a quem agradecemos).

mesma rua, e que apresentam *devantures* notáveis nesses materiais, igualmente saídas das oficinas da Companhia Aliança, então proprietária das já desaparecidas Fundições de Massarelos e do Ouro. A encimar a entrada da loja o entablamento é interrompido por volutas, entre as quais se insere a escultura “Grupo de Amores”, de José de Oliveira Ferreira, e que foi trazida da antiga ourivesaria da Rua do Loureiro. A vontade de colocar esta peça na loja nova levou a que o desenho inicial da ourivesaria da Rua 31 de Janeiro (AHP, 1914) fosse abandonado e substituído pelo existente, de forma a permitir a inclusão do grupo escultórico pelo qual Alfredo Pinto da Cunha, em 26 de março de 1912, havia pago pelo estudo e execução a quantia de 280\$00 (Cordeiro, 2001, p. 2).

1.3. Participação em exposições e feiras

A Ourivesaria Cunha desenvolveu e comercializou peças de grande qualidade¹¹, que vendeu a clientes nacionais e estrangeiros, tanto europeus como sul-americanos, e participou em exposições nacionais e internacionais, divulgando a ourivesaria portuguesa. Entre estes acontecimentos destacamos a Exposição Internacional do Centenário da Independência, realizada entre 7 de setembro de 1922 e 23 de março de 1923, no Rio de Janeiro, e na qual a casa se apresentou com uma salva neogótica ou manueлина, que exhibe motivos retirados de *Os Lusíadas*, executada nas técnicas de cinzelado e *repoussée*, nas oficinas de José Gil y Poy & C.o (Lopes, 1920, p. 263). Em outubro de 1929, o Presidente da República, General Óscar Carmona¹², realizou uma visita oficial a Espanha, cujo programa oficial incluía uma feira de artigos portugueses, em Sevilha, na qual a Ourivesaria Cunha participou. Em 1930, Alfredo Pinto da Cunha organizou uma mostra denominada Exposição de Filigranas, Pratas e Jóias Artísticas Portuguesas da Ourivesaria Cunha, inserida na Feira de Amostras do Rio de Janeiro¹³, a que seu tio já não assistiu, pois morreu em 20 de janeiro desse ano.

¹¹ Em 1906, José Pinto da Cunha regista a sua marca n.º 2227 – um pote com um peixe no seu interior, com um J do lado direito e o todo inserido num retângulo com os cantos quebrados (Vidal, 1974, p. 231). Esta marca viria a ser cancelada em 1930, após a sua morte, sendo substituída pela marca n.º 2445 – duas penas num recipiente encimado com um J e inserido num quadrado rematado em triângulo (Vidal, 1974, p. 252) –, registada em 1930 e já cancelada. Em 1934, é registada uma nova marca da Ourivesaria Cunha, com o n.º 1554 – uma luminária dentro de um quadrado e inserido noutro quadrado –, cancelada em 1938 (Vidal, 1974, p. 163).

¹² António Óscar de Fragoso Carmona nasceu em Lisboa, em 1869, filho de Inácio Maria Machado de Morais Carmona, general do exército, e de Maria Inês Fragoso Corte Real. Além da sua carreira profissional como militar (atingiu o posto de General, em 1922, e foi-lhe atribuído o título honorífico de Marechal do Exército, em 1947), foi oficialmente Presidente da República Portuguesa, entre 16 de novembro de 1926 e 18 de abril de 1951, o dia da sua morte.

¹³ A Feira de Amostras do Rio de Janeiro foi inaugurada em 1928 e, a partir de 1930, começou a receber representações estrangeiras, designando-se então por A Feira Internacional do Rio de Janeiro. Este evento prosseguiu por mais de uma década, traduzindo uma vontade de autoafirmação nacional perante o mundo, de empenho por um posicionamento pela modernidade, no período entre guerras. Na Feira de 1938 Portugal teve um pavilhão próprio. Sobre o assunto ver Segawa (2019).

1.4. Testamento e morte de José Pinto da Cunha

O teor do testamento de José Pinto da Cunha (AHP, 1930), redigido em 1928, revela a sua postura moral e o seu afastamento dos negócios da família, pois não menciona quaisquer assuntos relacionados com a ourivesaria ou com o ofício de ourives. O seu sobrinho e sócio Alfredo não é contemplado, possivelmente porque os negócios em comum haveriam já sido tratados anteriormente. No momento em que redige o testamento, José Pinto da Cunha é morador na Rua do Lindo Vale, n.º 127, e deixa a seu irmão David Pinto da Cunha uma casa sita na Rua Ribeiro de Sousa, n.º 68, e ainda capital suficiente para variadíssimos legados, contemplando familiares, vizinhos, amigos, funcionários, pobres e instituições de cariz social. Já viúvo, expressa o desejo de um funeral simples, sem convites e sem flores, e de ser sepultado em campa rasa junto de sua mulher D. Ana Amália Ferreira. Porém, no ano da sua morte, Alfredo Pinto da Cunha encomenda um jazigo térreo a Francisco de Oliveira Ferreira (Temudo, 2008, p. 4), que viria a ser executado no cemitério de Agramonte, no Porto, na secção 5 da Ordem do Carmo, ao qual foi atribuído o n.º 827¹⁴, e que serviria de último repouso a seu tio José Pinto da Cunha.

2. A Joalheria do Carmo, Lisboa

Em 1924¹⁵, Alfredo Pinto da Cunha adquire a joalheria Raúl Pereira e C^a Ltda., em Lisboa, de sociedade com o seu irmão Gabriel Pinto da Cunha, passando a casa a designar-se de Joalheria do Carmo. Em 1925, é registado o respetivo logótipo, que passou a integrar a decoração da fachada, desenho da autoria do arquiteto Manuel Norte Júnior. No interior da loja, mobiliário em mogno talhado, candeeiros em cristal Baccarat, paramentos revestidos por lambris de madeira a meia altura e expositores em madeira e vidro continuavam o ambiente de luxo que os Pinto da Cunha atribuíam aos seus estabelecimentos.

Na Joalheria do Carmo trabalharia também Alberto Vieira de Sampaio, cunhado de Alfredo Pinto da Cunha, que viria a casar com a sua irmã Palmira Pinto da Cunha, no Porto, em 1928. Desta união nasce Alfredo Sampaio que, mais tarde, se tornou o único proprietário da joalheria, mantendo-se esta casa há quase um século na mesma família e com a mesma decoração. Presentemente, a loja consta do Inventário Municipal (n.º 27.10D) anexo ao PDM e está inserida na Lisboa Pombalina. Foi classificada como

¹⁴ Informação de Manuel Pereira, coordenador técnico de cemitério de Agramonte, em 27 de janeiro de 2021, que informou igualmente que o dito jazigo já não se encontra na posse desta família.

¹⁵ A Ourivesaria do Carmo apresenta 1924 como a data do início da sua história com Alfredo Pinto da Cunha. Porém, a Ourivesaria Machado, descendente da Ourivesaria Cunha, dá 1930 como o início da expansão para a cidade de Lisboa.

Conjunto de Interesse Público, em 2012, e integrou a lista das lojas classificadas pelo Programa Lojas com História, em 2017.

3. Considerações finais

Da freguesia de Torno, em Lousada, os primos Pinto da Cunha embarcaram na aventura da imigração para o Brasil, transformando, desse modo, o destino dos membros das suas famílias. Em Belém do Pará, no Porto e em Lisboa investiram na arte do ouro e da prata, criando estabelecimentos comerciais conhecidos e celebrados, que se distinguiram pela excelência dos seus produtos e pela originalidade e qualidade das decorações das suas lojas. Acompanhando a estética que agradava à alta sociedade tradicional de cada época, e introduzindo inovações estilísticas no desenho das suas lojas, todas as casas comerciais associadas aos Pinto da Cunha se posicionaram num escalão superior. Comercializaram produtos particulares, que serviram elites, e enaltecera a qualidade e diversidade da ourivesaria portuguesa. Durante gerações, entre as teias de parentesco, a imigração, a afirmação económica no Brasil e os bem-sucedidos negócios de ourivesaria em Portugal se teceu a história desta família lousadense.

Referências bibliográficas

AHP – Arquivo Histórico do Porto, 1914. *Licença de obra n.º: 217/1914*. [pdf] Arquivo Histórico do Porto. Disponível em: <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/81729/?q=Ourivesaria+Cunha>> [Consult. 8 de junho de 2018].

AHP – Arquivo Histórico do Porto, 1930. *Registo do testamento com que faleceu José Pinto da Cunha, proprietário*. Documento/Processo 1930/01/27, Livro 191, 7 folhas, fls. 62-68. Porto: Arquivo Histórico do Porto.

Azevedo, B. P. e Baratta, M. A. L., org., 1883. *Almanak Paraense de Administração, Commercio, Indústria e Estatística para o Anno de 1883*. [pdf]. Pará: Typ. Assis & Lemos. Disponível em: Biblioteca Nacional Digital do Brasil <memoria.bn.br/pdf/820300/per820300_1883_00001.pdf> [Consult. 20 de maio de 2021].

Baena, G. R. e Soares, F. H., 2012. *O sentido da Moda na Rua João Alfredo*. [pdf]. [s.l.]: [s.n.]. Disponível em: Academia.edu <https://www.academia.edu/7820659/O_Sentido_da_Moda_na_Rua_Jo%C3%A3o_Alfredo> [Consult. 25 de maio de 2021].

Cancela, C. D. e Barroso, D. S., 2011. Casamentos portugueses em uma capital da Amazônia: perfil demográfico, normas e redes sociais (Belém, 1891-1920). *História Unisinos*, 15(1), pp. 60-67.

Chaves, J. J., ed., 1913. Um estabelecimento modelar: a ourivesaria do Sr. Cunha Sobrinho, no Porto. *Ilustração Portuguesa* [em linha] Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1913/N404/N404_item1/P1.html> [Consult. 10 de novembro de 2021].

Cordeiro, J. M. L., 2001. A ourivesaria Cunha. *Público* [em linha] 25 de novembro. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2001/11/25/jornal/ourivesaria-cunha-164638>> [Consult. 17 de julho de 2018].

Lopes, A. M., ed., 1920. Página artística: ourivesaria. *Ilustração Portuguesa* [em linha]. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1920/N766/N766_item1/index.html> [Consult. 15 de janeiro de 2021].

Machado, A., [s.d]. *Machado Joalheiro no Porto desde 1880*. Porto: Edição de autor.

Martins, R. J. M., 2010. *Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará.

Meira, O., 1976. *Memória de quase ontem*. Rio de Janeiro: Lidor.

Motta, J. T., dir., 1909. Ourivesaria e joalheria. *Jornal de Louzada*, 21 de março, p. 3.

Motta, J. T., dir., 1915a. Carnet mondain. *Jornal de Louzada*, 25 de agosto, p. 2.

Motta, J. T., dir., 1915b. Falecimentos. *Jornal de Louzada*, 7 de novembro, p. 2.

Sarges, M. N., 2000. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. Belém: Pakatatu.

Segawa, H., 2019. Cenários de modernidades: A Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro. In: *Docomomo International, 13.º Seminário DOCOMOMO Brasil*. Salvador, Brasil, 7-10 outubro de 2019. Disponível em: Docomomo Brasil <<https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2020/04/119302.pdf>> [Consult. 15 de janeiro de 2021].

Temudo, A. P., coord., 2008. *Homenagem do Município de Vila Nova de Gaia. Francisco d' Oliveira Ferreira. O Arquitecto de Gaia 1884-09-25 / 1957-12-30*. [pdf]. Vila Nova de Gaia: Pelouro da Cultura, Património e Turismo da Câmara Municipal de Gaia. Disponível em: Arquivo da Câmara Municipal de Gaia <<https://arquivo.cm-gaia.pt/objects/cm-g:137367/full/>> [Consult. 15 de janeiro de 2021].

Valente, L. A. G., 2008. Olhares estrangeiros na cidade: a rua do comércio em Belém. In: J. F. Beltrão e A. O. Vieira Júnior, org., 2008. *Conheça Belém, Co-memore o Pará*. Belém: EDUFPA, pp. 40-47.

Vidal, N. G., 1974. *Marcas de contrastes e ourives portuguesas. Volume II*. Lisboa: Casa da Moeda.